

HERBERT MARCUSE E O SENTIMENTO DE CULPA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA¹

HERBERT MARCUSE
AND FEELINGS OF GUILT
IN CONTEMPORARY SOCIETY

Jaquelina Maria Imbrizi*

* Psicóloga, mestre e doutora em Educação: História e Filosofia da Educação pela Puc-SP. Professora dos cursos de Pedagogia do Centro Universitário Capital – Unicapital e Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pesquisadora do LaEP – Laboratório de Estudos sobre o Preconceito vinculado ao instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Correspondência:
Address:
Rua Peixoto Gomide,
296, apto 101. Jardim
Paulista – São Paulo
(SP). CEP: 01409-
000
E-mail:
jaque_imbrizi@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo do texto é apresentar o conceito sentimento de culpa a partir das idéias de Herbert Marcuse nos livros: *Eros e Civilização e Ideologia da Sociedade Industrial*. Examina as diferentes formas de percepção dos indivíduos sobre os moradores de rua e catadores de materiais recicláveis: as imagens e a narrativa de um documentário *Os Catadores e a Catadora*, dirigido por Agnès Varda; as ações dos profissionais vinculados a uma cooperativa de catadores e as notícias sobre o extermínio de moradores de rua na cidade de São Paulo. A crítica ao princípio de desempenho é apresentada como antídoto a culpa que assola a sociedade contemporânea.

Abstract

The objective of this text is to present the concept of feelings of guilt, based on the ideas of Herbert Marcuse in his works: *Eros and Civilization and the Ideology of Industrial Society*. It examines the different forms of perception of individuals in relation to street dwellers and recyclable garbage collectors; the images and the narrative of a documentary entitled *Os Catadores e a Catadora*, directed by Agnès Varda; the actions of professionals linked to a cooperative of collectors; and news on the murder of street dwellers in the city of São Paulo. The criticism of the principle of performance is presented as an antidote to guilt which is devastating contemporary society.

Artigo recebido em:
11/02/2006
Aprovado em:
21/03/2006

Palavras-chave

Sentimento de culpa; Ideologia; Indústria cultural.

Keywords

Feelings of guilt; Ideology; Cultural industry.

Introdução

As condições materiais e intelectuais oferecidas por uma sociedade moldam as disposições dos indivíduos para aceitar ou lutar contra a falta de liberdade. “Viver sem medo” é um dos significados atribuídos à liberdade no pensamento de Theodor Adorno, e Herbert Marcuse (1999) problematiza as condições para que este estado no indivíduo seja alcançado: é necessária a contenção da atrofia – mental e física – fruto de uma vida de labuta, como também a diminuição da “culpa coletiva” que emerge de uma sociedade que cultua a exploração e a destruição, seja na relação entre os homens seja na relação entre os homens e a natureza – baseada no desperdício e no consumo conspícuo. Àqueles que estão alijados do mundo do trabalho, dos efeitos da Indústria Cultural e da lógica consumista, resta à exclusão.

Este texto examina as diferentes formas de percepção dos indivíduos sobre os moradores de rua e catadores de materiais recicláveis: as imagens e a narrativa de um documentário *Os Catadores e a Catadora*, dirigido por Agnès Varda, as ações dos profissionais vinculados a uma cooperativa de catadores e as notícias sobre o extermínio de moradores de rua na cidade de São Paulo. Como num caleidoscópio, abarca as condições que moldam formas de enxergar a realidade e, mais que isso, que acabam por produzir diferentes posições subjetivas, reações e ações dos indivíduos frente ao sentimento de culpa: a crueldade do exterminador como resposta que expressa a pulsão de morte; a expressão artística da cineasta que, ao apresentar “imagens de um outro estilo de vida”, propiciaria uma experiência estética no espectador reforçadora de uma racionalidade sensível frente ao sofrimento dos homens; e a ação dos elaboradores dos projetos de inclusão que expressaria o movimento de

Eros, para que, no mínimo, a vida seja prolongada. Mais do que nunca, cabe aqui retomar a frase de Herbert Marcuse (1999, p.12): “Não faz sentido falar sobre libertação a homens livres – e somos livres se não pertencemos à minoria oprimida”.

A angústia da exclusão

Marcuse (1999) examina como as relações de exploração homem/natureza que sustentam a perene hierarquia são incorporadas pelo indivíduo num processo de socialização que, calcado na dominação, viabiliza a inflexibilidade do progresso técnico. Neste sentido reflete sobre a mediação social do indivíduo e, assim, examina o sentimento de culpa entremeadado ao sacrifício e a labuta necessários para a autoconservação dos homens em uma sociedade excludente. Afirma a intensificação da ansiedade social e a mudança qualitativa do sentimento de culpa por meio de dois aspectos: o ontogenético e o filogenético.

Na leitura ontogenética examina as condições objetivas que intensificam a ansiedade social. Esta referida à origem do sentimento de culpa que, segundo a concepção freudiana, está localizada em “um medo da perda de amor, uma ansiedade social” que é vivenciada na primeira percepção do bebê sobre a separação entre ele e mundo externo (FREUD, 1974). Esta é a sensação de incompletude, a primeira ferida narcísea – desencadeada em cada possibilidade de exclusão na vida adulta – que remete à fragilidade, ao desamparo e à solidão próprios da condição humana (FREUD, 1974a). Mais tarde, esta ansiedade social será reforçada pela instância superegógica – que, herdeira do Complexo de Édipo, fruto tanto das identificações com as figuras de autoridade, quanto da introjeção da pulsão de destruição – representa a autoridade internalizada pelo indivíduo.

A sociedade capitalista molda formas de organização do trabalho que oprimem o tempo/espço de vida do indivíduo e reforçam a dessublimação repressiva que – ao enfraquecer as pulsões de vida – predispõe o indivíduo à indiferença frente à violência que assola a

sociedade. As experiências no Complexo de Édipo – em função da nova posição do adulto que sofre a diluição de sua autoridade na dinâmica familiar e é substituído por imagens exógenas – desencadeiam o processo de “corporificação do superego” no qual as lutas conscientes são substituídas por “reações automáticas e inconscientes” que respondem à despersonalização dos modelos e dos alvos da agressividade e da rebeldia. A ansiedade é amplificada em função do peso das instituições que reforçam a impotência do indivíduo frente às normas e valores do princípio de desempenho calcados em critérios como: capacidade de adaptação e eficácia do mundo do trabalho (MARCUSE, 1999). Portanto, as estruturas social e econômica oferecem as bases para um clima claustrofóbico que força uma adaptação irrefletida do sujeito (ADORNO, 1995).

À luz dessas condições objetivas, tanto Adorno (1991) quanto Marcuse (1999) apontam para uma nova configuração psíquica: o ego regride perdendo a função mediadora entre os desejos dos indivíduos e às exigências do mundo externo; o superego responde às normas externas e o id reina. Os autores afirmam que o alvo do controle externo é a consciência e, assim, a delimitação entre forças conscientes e inconscientes é atenuada.

Crochík (1996, p.45) afirma que: “É o corpo que se contrai frente à ameaça psíquica representada também pelo superego” e, portanto, se o sofrimento é físico e o que mantém a sociedade coesa é a ameaça da violência física, o laço que une os indivíduos não é racional. Trata-se de refletir sobre o fato de que na sociedade contemporânea, o amor objeto conflita com as necessidades de autoconservação e, assim, é o processo de socialização que alimenta características narcíseas da personalidade que, muitas vezes, significam uma “morte em vida” que suga energias do indivíduo que poderiam “combater as fontes da miséria material e psíquica” (CROCHÍK, 2004, 2004a, p.42).

É possível afirmar que o ego regredido alcança uma ansiedade que retoma uma angústia atávica vinculada historicamente ao medo da aniquilação física – próprios da relação primordial homem/natureza; ao medo da castração – advindo das experiências do Complexo de Édipo; ao medo de ser excluído – mediado socialmente pelas exigências do comportamento econômico. Nas palavras de Adorno (1991, p.143):

“Recusar-se a participar do jogo é perigoso e expõe à vingança social inclusive a quem não necessita passar fome e nem dormir debaixo das pontes. Mas a angústia da exclusão, [...], tem se interiorizado junto a outros tabus e tem petrificado no indivíduo”.

É o aprisionamento do indivíduo que deve escolher entre ser o dominador ou o dominado. Cabe perguntar: existe escapatória para os indivíduos que não correspondem aos padrões do princípio do desempenho? A única seria viver debaixo dos viadutos?

Reflexões sobre a culpa do exterminador

Há que se afirmar que a necessidade de autoconservação pela qual responde o sentimento de culpa oblitera a percepção do indivíduo sobre as bases que cimentam a exclusão na sociedade capitalista. O indivíduo acaba se apegando às coisas miúdas e perde a dimensão da totalidade. Se o medo e a ameaça são constantes, como é possível enxergar aqueles que estão na posição de excluídos na sociedade? Como é possível perceber de forma isenta e neutra, as roupas rotas do morador de rua que perambula pelas ruas ou a carroça do catador – na posição de “burro de carga” – que emperra o trânsito na cidade de São Paulo? São imagens que desafiam à persistente cegueira dos homens frente aos excluídos.

Horkheimer & Adorno (1985) oferecem elementos para refletir sobre a ação do exterminador – ela confirma a lógica capitalista. A visão do morador de rua desencadearia a ansiedade social que está na origem do sentimento de culpa e, assim, ele busca eliminar aquilo que representa a exclusão para não entrar em contato com o próprio medo de ser excluído. O morador de rua representaria a tensão entre civilização e cultura, liberdade e escravidão, felicidade e sofrimento que destoaria da suposta harmonia construída no imaginário do indivíduo e, assim, Marcuse (1999) afirma que a coesão social é bastante forte para proteger o todo da agressão, mas a pulsão destrutiva que procura o alívio da tensão volta-se contra aqueles cuja presença representa a negação da harmonia. Trata-

se de refletir sobre o fato de que o exterminador representaria uma conformação a um processo de socialização que pede respostas imediatas à ameaça. Horkheimer & Adorno (1985, p.210) afirmam:

É provável que a substância viva, que é a mesma em cada um, não conseguisse fugir a uma pressão da constituição física e do destino individual com a mesma força da pressão que levou o criminoso a esses atos extremos, de tal sorte que cada um de nós teria agido do mesmo modo que o assassino, não houvesse um feliz encadeamento de circunstâncias nos concedido a graça do discernimento.

Daí a importância da análise filogenética Marcuseana – a culpa coletiva é justificada por uma cultura que traiu o ideário humano: a promessa rompida de uma sociedade livre. Ao invés disso, há a insistência em uma servidão voluntária que responde a um senhor sem rosto e a um poder disforme diluídos por trás do véu tecnológico, das novas técnicas de administração da vida pública e privada – mas paira como espectro na consciência dos homens. Ao analisar o assassinato do pai déspota, Marcuse enfatiza a culpa arcaica pelo “[...] ato que não foi realizado: a libertação” (MARCUSE, 1999, p.72). Este conflito e suas conseqüências são rememorados de geração a geração. Portanto, é a cultura que reforça tanto a culpa do sobrevivente feliz que colaborou para a harmonia do todo destrutivo, quanto à culpa do excluído que, resistente aos ícones competitivos, se sente fracassado ante a corrida individualista em direção ao sucesso.

Marcuse ao examinar a culpa coletiva, retoma conteúdos universais da filosofia e – calcado em Nietzsche – insiste na potência das condições históricas para mudar a rota do progresso. Propõe que as idéias de universalidade e totalidade sejam compreendidas por meio da tensão entre a potencialidade e a realidade (MARCUSE, 1967). O autor sugere um refinamento na capacidade perceptiva do indivíduo, uma atenção às nuances: àquela diferença delicada entre coisas do mesmo gênero (FERREIRA, 1986, p. 981), de modo a afirmar que a compreensão da totalidade “[...] exige uma análise do contexto experimental não-mutilado”.

Portanto, há que se retomar a idéia de revolução em Marcuse (1999, p.22) que propõe uma reversão do sentimento de culpa em direção contrária à paralisia do medo que reforça a mesmice e, assim, se afirma na “recusa organizada em continuar trabalhando com os instrumentos materiais e intelectuais que estão sendo agora utilizados contra o homem”.

A reversão da culpa e os elaboradores dos projetos sociais

A recusa pode estar associada aos projetos de inclusão que representariam a escolha de alguns homens em criar, imaginar, ousar formas cooperativas de organização do trabalho. São tentativas para minimizar a miséria material, pois se esses projetos tivessem como base a eliminação de parte do esforço necessário para a labuta, poderiam representar a resistência ao desperdício e seria uma forma de responder a culpa coletiva que “[...] parece ser mais uma qualidade do todo que dos indivíduos – [...] a aflição de um sistema institucional que desperdiça e detém os recursos materiais e humanos à disposição” (MARCUSE, 1999, p.99).

Os elaboradores dos projetos sociais, como os do projeto Coopamare – cooperativa de catadores autônomos de papel – fizeram uma escolha, estão organizados de forma a oferecerem um meio de subsistência para os moradores de rua e os catadores de material reciclável – que desde a década de 1980 são compostos, em sua maioria, por desempregados ou subempregados. Trata-se de verificar se esta escolha, que pauta um projeto de inclusão, inauguraria uma nova forma de relação com a natureza, menos destruidora e, mais que isso, se propiciaria realmente que os produtos destes trabalhos fossem distribuídos equitativamente entre os cooperados.

Em uma cultura em que a competição está exacerbada, as relações hierarquizadas fortalecidas por um controle internalizado pela ênfase na técnica, o que está obstado do campo de significações no imaginário do indivíduo é a possibilidade de cooperação, o âmbito da participação em projetos coletivos e a ação no campo político. Nesta linha de raciocínio os projetos sociais poderiam ser considerados, no mínimo, formas transitórias de resistência à mesmice que impera. Diante da passividade e do ensimesmamento, Adorno (1995a, p.67) ressalta a concepção de sujeito em Hegel e Kant: “[...] o sujeito não chega a si mesmo através do cuidado narcisista referido a si, senão mediante a renúncia de si [...], a dedicação ao outro”.

Diante dos limites impostos pela cultura contemporânea, os projetos de organização de uma cooperativa de catadores de materiais que têm como norte o tratamento e reciclagem do lixo poderiam representar um projeto

de relação pacífica entre o homem e a natureza. Marcuse (1967) indica os critérios para avaliação de um projeto que represente a “verdade histórica”: avaliar se a instituição organiza e possibilita novas formas de existência; se os projetos sociais intermediários diminuem a miséria material dado o estado de emergência das situações de exclusão; analisar se o produto reciclado está mais vinculado às necessidades verdadeiras e, assim, se pode ou não suscitar a formação de um novo estilo de vida, calcado em novas imagens para modelar os desejos do indivíduo; se contribui ou não para a diminuição do consumo, diminuição das tarefas sem significado e da labuta. Mais que isto, se as formas cooperativas de produção contribuem para um maior controle do indivíduo sobre o tempo. Assim, cabe a pergunta: seria uma forma de combate real rumo à pacificação da existência?

Necessário lembrar que Marcuse é um dos precursores de uma discussão importante na sociedade contemporânea que aponta que é a jornada de trabalho, o tipo de trabalho e os critérios que balizam o princípio do desempenho que impedem que o indivíduo resista às exigências que extrapolam os limites da mente e do corpo.

Portanto, a questão a ser ressaltada não é se o projeto mantém o viés assistencialista tão criticado pela esquerda ressentida, mas sim se representa já de início uma busca coletiva para quebrar com o ensimesmamento destrutivo do sujeito – isto sim é o que deve ser criticado – que retoma uma passividade própria de uma posição subjetiva que “está pronta para contemplar o horror e se omitir no momento decisivo” (ADORNO apud MARCUSE, 1999, p. 139).

Kehl (2005, p.242) afirma que o ressentimento está relacionado a uma posição subjetiva que coloca a culpa sempre no outro e, assim, é fruto das “promessas não-cumpridas e da passividade que elas promovem”. A autora nos convida a abandonar a posição subjetiva de espectador ressentido e pensar em formas alternativas de ação política. A saída pode estar em formas transitórias e calcadas em relações racionais e fraternas entre grupos, de modo a eliminar tanto no imaginário quanto na realidade, a necessidade de um pai déspota (Kehl, 2000a).

Marcuse ciente dos limites de toda e qualquer ação política, tenta examinar o elemento de “autoderrota” que perpassa as lutas revolucionárias, fruto da identificação dos rebeldes com o poder e, que segundo Freud (apud MARCUSE, 1999, p.80), também desencadeia o

fato de que a iminência da emancipação atualiza “[...] um dos mais dolorosos cometimentos psíquicos da puberdade”.

O libelo marcuseano oferece as bases para inverter o raciocínio: se na sociedade contemporânea o poder está despersonalizado e o superego responde a imagens exógenas, que tal todos os esforços para promover as experiências que possam despertar o material reprimido – a idéia de emancipação que fortaleceria a ânsia no indivíduo para mudar a rota do progresso.

Cabe aqui, também, exercitar uma outra forma de reflexão sobre a configuração regredida do ego, ou seja, em decorrência da diluição das linhas demarcatórias entre conteúdos inconscientes e conscientes, haveria uma consciência latente pronta para criticar as ações dos próprios indivíduos e perceber as escolhas que fazem e que, muitas vezes, vão contra os seus próprios interesses de autoconservação. Esta tese de Adorno (1986) poderia ser esticada no sentido de que além de “latente” esta consciência é “latejante” ante ao explícito quadro de violência reinante.

Experiência estética como antídoto ao sentimento de culpa

O documentário de Agnès Varda é um bom representante da promoção de uma experiência estética que suscita as reminiscências de um desejo emancipatório ou, nas palavras de Duarte (2003, p.113), que oferece “uma configuração sensível frente ao desejo de transcendência das pessoas”. As imagens veiculadas quebram com a mesmice ao explicitar os conteúdos universais da singularidade e suscitam no telespectador um sentimento fraterno: somos catadores, estamos sempre a colher coisas e significados da realidade. No próprio título do documentário – *Os catadores e a Catadora* – a cineasta inclui-se como uma catadora de imagens.

Como narradora da história, a diretora afirma que os catadores da sociedade contemporânea são mais solitários do que os do passado e, assim, oferece ao espectador a possibilidade de espionar pessoas que estão revertendo a passividade próprias do sentimento de culpa, ao escolher, juntar e oferecer imagens de catadores solitários e acantonados que resistem aos ditames da destruição.

A importância do documentário é pensar a linguagem cinematográfica como componente importante na quebra com as idéias e conceitos reforçados pela Indústria Cultural. Vai ao cerne do questionamento da padronização da relação homem, natureza, produção, consumo e desperdício. Ao contrário dos produtos da indústria cultural que

encobrem a tensão entre real/potencial ao apresentarem inadvertidamente a mesmice numa forma sistematizada na qual a “pluralidade está harmonizada”; que restringem o significado das palavras e da experiência de forma a reforçar o *status quo*; que impedem o telespectador da tomada de ar e de fôlego ao embaralhar fato e ficção; o documentário apresenta diferentes vozes que, enclausuradas na solidão da metrópole francesa catam, recolhem coisas inusitadas da realidade, desde a entrevista com o colecionador de botões ao psicanalista que recolhe as palavras junto ao paciente na busca de significados que possam oferecer sentidos surpreendentes às experiências e ao sofrimento; do professor “voluntário” que se alimenta dos restos da feira e comenta de forma jocosa que se preocupa com uma dieta balanceada; aos artistas da sucata que produzem obras inusitadas que passam longe do reconhecimento público; o significado da palavra “catador” é amplificado, a experiência dos “colhedores” é redimensionada e representam vidas alternativas que passam longe do *glamour* e da estandarização.

Neste sentido, Varda exercita a arte como grande recusa ao expressar que é possível sobreviver sem ocultar aquilo que resiste. Muitos dos moradores de rua entrevistados por ela têm como opção de vida: sobreviver fora dos padrões impostos pelo consumo. O resultado do seu documentário é representante da força da imaginação artística que “[...] modela a ‘memória’ inconsciente da libertação que fracassou, da promessa que foi traída” (MARCUSE, 1999, p.135) e, assim, representa um projeto de pacificação entre os homens e pode ser considerado um libelo em defesa da vida: ao trazer à luz novas formas de existência.

A força e o efeito desse documentário poderiam suscitar no espectador uma disposição diferenciada frente aos catadores, pois o filme ilumina a idéia de indivíduo que não se reduz em si mesmo, mas que aliás, representa as novas formas de resistência na atualidade, que como indicou Paoli (2004) são sujeitos acantonados e que não são alvos dos holofotes da Indústria Cultural. Varda incita a percepção do telespectador no sentido inverso daquilo que é imposto na denominada sociedade do espetáculo, não a luz, mas aquilo que ela ilumina. Se existe um gesto que vale a pena e uma arte que faz sentido na atualidade seria aquela que ilumina, esclarece e reflete aquilo que é humano.

Daí cabe perguntar: são as imagens propiciadas pela Indústria Cultural que apresentam o sempre igual ou é a quantidade de imagens que assola

o campo perceptivo do indivíduo que não oferece tempo para a reflexão e para a elaboração? Em outras palavras: quando as imagens destoam do sentido imposto pela indústria cultural, é o indivíduo que perdeu a capacidade para a diferenciação.

Considerações finais

Trata-se aqui de situar os projetos sociais, o documentário e o livro *Eros e Civilização* como antídotos ao sentimento de culpa. Marcuse oferece o veneno para o antídoto: a crítica ao princípio do desempenho.

Marcuse (1967, p.204) ao afirmar que os homens são capazes de escolher o seu destino e mudar a rota do progresso no sentido da construção de uma sociedade humana, vincula essas idéias à elaboração de projetos alternativos. Um projeto “resulta de uma escolha determinada, de captura de uma dentre outras maneiras de compreender, organizar e transformar a realidade”. A escolha de uma boa vida está relacionada tanto a uma perspectiva política quanto a certa “técnica da arte de viver” e, assim, a ação política e o trabalho artístico deveriam ser entendidos como a grande recusa.

Para finalizar, cabe a afirmação de que todos nós somos catadores, estamos sempre a colher coisas e significados da realidade. A questão colocada por Marcuse (1999; 1967) é “o que” e “como” estão dispostos e determinados historicamente os elementos na realidade para que possam ser apanhadas pelo indivíduo. A nossa percepção também é uma forma de escolha das imagens externas moldadas pela cultura da sociedade contemporânea. Segundo Horkheimer & Adorno (1985, p.176) “[...] a imaginação perceptiva contém, de fato, conceitos e juízos. Entre o verdadeiro objeto e o dado indubitável dos sentidos, entre o interior e o exterior, abre-se um abismo em que o sujeito tem que vencer por sua conta e risco.” O que acarreta dizer que o mais difícil é escolher o que vale a pena e possibilita e potencializa “a arte de viver” e essa escolha deveria estar pautada no combate à restrição dos significados e das experiências característicos dos produtos da Indústria Cultural e, assim, a favor do esclarecimento sobre os conteúdos e normas que pautam o ensimesmamento e a passividade do sujeito.

Este texto representa a tentativa de responder àquilo que as idéias de Marcuse suscitaram e ainda podem suscitar no leitor: o frescor da rebeldia adolescente, a necessidade de que nos transformemos e procuremos as brechas e as possibilidades de resistência, a importância de invertermos formas cristalizadas de raciocínio no sentido de iluminar e escolher aquilo que realmente vale a pena, que possamos visualizar as brechas e potencialidades onde os ressentidos estão cansados e exacerbados demais para percebê-las. Wisnik (2004, p.384) escreve sobre um estado de espírito, uma posição subjetiva que não esqueceu a rebeldia e a irreverência: “[...] é um estado poético e utópico, desejável, de quem conclui os processos da maturidade sem deixar de arder”.

Referências

- ADORNO, T. W. Sobre Música Popular. In Cohn, Gabriel. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. De la relacion entre sociologia y psicologia. *Actualidad de la Filosofía. Pensamiento Contemporáneo* n. 18. Barcelona: Paidós, 1991.
- _____. Educação após Auschwitz. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- _____. Glosa sobre Personalidade. *Palavras e sinais*. Petrópolis: Vozes, 1995a.
- CROCHÍK, José L. Notas sobre a psicologia social de T. W. Adorno. *Psicología e Sociedade*, v. 8, n. 1, jan./jun. São Paulo, 1996.
- _____. Apontamentos sobre o narcisismo da perspectiva da teoria crítica da sociedade. *Jornal de Psicanálise*. São Paulo, 37 (68): 193-223, dez, 2004.
- _____. A normalidade do sofrimento. *Reportagem: da oficina de informações*. São Paulo, Ano 5, n61, outubro, 2004a.
- DUARTE, R. A Indústria Cultural e as abordagens sociológicas de Adorno. *Teoria Crítica da Indústria Cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG. (Humanitas), 2003.
- FERREIRA, Aurélio. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. *In: Obras Completas*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. Psicologia de grupo e a análise do ego. *In: Obras Completas*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974a.
- HORKHEIMER, M. & ADORNO, T. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- KEHL, M. R. Existe a Função Fraternal?. In KEHL, M. R.(org.) *Função Fraternal*. Rio de

Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____. (2000a). Desejo e Liberdade: a estética do ressentimento. In BARTUCCI, G. *Psicanálise, cinema e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2000a.

_____. (2005). *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. *Vocabulário de psicanálise*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARCUSE, H. *Ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.

_____. *Razão e Revolução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

PAOLI, M. C. *Anotações no Colóquio Pensamento Cruel na Psicologia*. Usp/Colégio São Paulo, 2004.

WISNIK, J. M. *Sem Receita – ensaios e canções*. São Paulo: Publifolha, 2004.

Documentário

Varda, Agnes. *Les Glaneurs et La Glaneuse*. DVD – Vídeo Cine-Tamaris, 2000

Notas

¹ Texto inicialmente apresentado como comunicação oral no Congresso Internacional Dimensão Estética: Homenagem a 50 anos de Eros e Civilização – 17 a 20 de maio – 2005. Belo Horizonte – Brasil – Fafich – UFMG.

